



UMA ESCRITA QUE ACERTA O PONTO DO CURAU: A GEOGRAFIA DO ACOLHIMENTO EM CONTOS DE LÍLIAN PAULA SERRA E DEUS

Wellington Marçal de Carvalho¹

Mírian Lúcia Brandão Mendes²

RESUMO: O presente trabalho mergulha em parte da obra de Lílian e Deus tomando como mote as diferentes configurações da violência que os corpos negros enfrentam na vida cotidiana, expressos na literatura em prosa dessa escritora afro-brasileira. Ressaltam-se elementos que auxiliem a entender a forma como se constrói, na escrita literária em tela, um esforço de elaboração e questionamento da realidade cotidiana, alimentada pelo cruzamento persistente de violências (de raça, gênero, pertença social), que a permite trazer à enunciação a crueza de relações sociais agenciadoras da reprodução de seres humanos considerados meros objetos. Assim, esta reflexão envereda por alguns contos selecionados da obra, publicada em 2020, *Não é preciso ter útero para ser mulher*, especificamente os intitulados “Fake News”, “Ligação” e “Putas”. Em termos de métodos e técnicas, o presente trabalho pode ser enquadrado como monográfico quanto aos métodos, que indicam os meios técnicos da investigação e, por conseguinte, aprofundou a pesquisa bibliográfica enquanto técnica de pesquisa. A incursão realizada em parte dos textos em prosa de Lílian Paula Serra e Deus permitiu a observação de aspectos de um projeto literário que se faz em uma vertente negritudinista. Ao mobilizar vozes femininas em permanente denúncia, uma escrita afrocentrada desenha uma estética da resistência e, ao mesmo tempo, agencia uma poética negra.

Palavras-chave: Violência contra as mulheres. Literatura afro-brasileira – crítica e interpretação. Relações étnico-raciais. Negritude. Branquitude.

A WRITING THAT GETS THE PONT RIGHT ON THE CURAU: THE GEOGRAPHY OF WELCOME IN TALES BY LÍLIAN PAULA SERRA E DEUS

ABSTRACT: The present work delves into part of the work of Lílian and Deus, taking as its motto the different configurations of violence that black bodies face in everyday life expressed in the prose literature of this Afro-Brazilian writer. Elements are highlighted in the literary writing on screen that help to understand the way in which an effort to elaborate and question the everyday reality, fueled by the persistent crossing of (race, gender, social belonging) violence. Such effort allows to bring to the enunciation the rawness of social

¹ Pós-Doutorando em Estudos Literários (FALE/UFMG); Doutor em Letras (PUC Minas); UFMG; E-mail: marcalwellington@yahoo.com.br

² Doutora em Linguística (UFMG); Centro Universitário Newton Paiva; E-mail: mirian.brandao@newtonpaiva.br



relations that promote the reproduction of human beings considered as mere objects. Thus, this reflection follows some selected short stories from the work, published in 2020, *Não é preciso ter útero para ser mulher*, specifically, the ones entitled “Fake News”, “Ligação” and “Putas”. In terms of methods and techniques, the present work can be framed as monographic regarding the methods that indicate the technical means of investigation and, therefore, it deepened the bibliographical research as a research technique. The incursion carried out in part of the prose texts by Lílian Paula Serra e Deus allowed the observation of aspects of a literary project that is carried out in a blackness way. By mobilizing female voices in permanent denunciation, an Afro-centered writing draws an aesthetics of resistance and, at the same time, manages a black poetics.

Keywords: Violence against women. Afro-Brazilian literature – criticism and interpretation. Ethnic-racial relations. Blackness. Whiteness.

1 INTRODUÇÃO³

*“Mas nem a literatura, nem a especulação intelectual
são inocentes e inofensivas.”*
(Aimé Césaire, 2010, p. 111)

No presente trabalho elege-se, para ponto de análise, parte da obra em prosa da escritora afro-brasileira Lílian Paula Serra e Deus, cuja produção literária, mesmo recente, já anuncia, desde os poemas inaugurais que dão forma ao seu primeiro livro publicado, a plenitude de uma escrita que revolve, questiona e constrói, de forma insurgente, outra cartografia para os corpos da negrura. Tal projeto literário, pode-se afirmar, alinha-se ao de outras escritoras e escritores com afiliação afrodiaspórica e figura, como diria o professor brasileiro Eduardo de Faria Coutinho (2010, p. 128) “outras espécies de discurso” (COUTINHO, 2010, p. 128) e acaba, portanto, a movimentar a noção de cânone, destituindo-o de “seu sentido unívoco e autoritário” (COUTINHO, 2010, p. 128) e reivindicando-o como “estrutura aberta, passível de constante reformulação” (COUTINHO, 2010, p. 128). É importante, então, trazer informações sobre essa artífice das letras.

Lílian Paula Serra e Deus é mineira, nascida em 05 de fevereiro de 1980, em Belo Horizonte. É mãe de João Gabriel Martiniano de Deus. Graduou-se em Letras, em 2008, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestra em Letras / Literaturas de Língua

³ A presente discussão foi desenvolvida, também, no contexto da etapa final da graduação em Letras pelo primeiro autor, sob orientação da segunda autora.



Portuguesa, também pela PUC Minas, em 2012, defendendo a dissertação intitulada *A língua é minha pátria: hibridação e expressão de identidades nas literaturas africanas de língua portuguesa*. Em 2016, concluiu doutorado em Letras / Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas), com a tese denominada *Memória, identidades e bastardia em As visitas do Dr. Valdez, de João Paulo Borges Coelho, O outro pé da sereia, de Mia Couto e Leite derramado, de Chico Buarque*. Cumpre registrar que a pesquisadora foi orientada, tanto no mestrado como no doutorado, pela Professora Maria Nazareth Soares Fonseca. Foi professora de Língua Portuguesa / Literatura no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) (DEUS, 2017).

Integra o Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas (GEED), coordenado pela Professora Maria Nazareth Soares Fonseca, com destaque para sua participação na equipe de apoio do projeto *literÁfricas*, desde 2020⁴. Atua, principalmente, nos seguintes temas: literaturas africanas de língua portuguesa; estéticas literárias africana e afro-brasileira; culturas e etnicidades africanas; tradições orais e literatura; identidade e alteridades; colonialidades e pós-colonialidades; memória (SILVA; 2016, p. 173). Mora atualmente em Salvador, Bahia, atuando como “professora adjunta na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). É autora do livro de poemas *A palavra em preto e branco* (2017), publicação independente, cujos poemas abordam, sobretudo, as muitas facetas do feminino, ancestralidade e identidade negras” (BARBOSA; RIBEIRO; 2019, p. 327). Integra, com o conto intitulado “Necropolítica”, o volume 42 da série *Cadernos negros* (ALVES; CARVALHO; 2020, p. 363) e, com o poema “Nem desse lado, nem do lado de lá”, o volume 43 dos *Cadernos Negros*. Citam-se, ainda, crônicas publicadas em jornais de Belo Horizonte e, também, em portais na *internet*: artigo “Quem cura o sistema?” (2012 – *Jornal do Bairro Castelo*); crônica “Aversão ao futebol” (2005 - jornal *Estado de Minas*); texto “Brasil: o país da hipocrisia” (2015 – *Portal Geledés*); e “A lama que soterra o Brasil: quem determina quanto “Vale” a vida nesse país?” (2015 – *Portal Conti Outra*).

Além de poemas esparsos publicados em seus perfis em redes sociais, durante os primeiros meses da quarentena, em decorrência da pandemia da COVID-19, escreveu seu segundo livro, dessa

⁴ É oportuno mencionar texto com informações gerais sobre o sistema literário da Guiné-Bissau escrito por Lilian e Deus em parceria com pesquisador brasileiro, disponível na página eletrônica do *literÁfricas* (DEUS; CARVALHO, 2021). Para saber mais, principalmente sobre o *literÁfricas*, consultar <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/literaflicas>.



vez de contos, intitulado *Não é preciso ter útero para ser mulher*. Conforme noticiado pela autora, em participação na atividade Especial Marmitex, promovida pelo escritor brasileiro Marcelino Freire, via *Instagram*, em 04 de agosto de 2020, a sua segunda obra agrega 11 contos e veio a público ainda em 2020, pela editora Voz de Mulher, de São Paulo.

Recentemente, perguntada a respeito de como ela vê a questão da escrita, confidencia que a Literatura “se resume, se é possível sintetizar, em política e cura” (DEUS, 2020, 2021) e continua: “Todo texto traz uma intenção e essa intenção, de alguma forma, é política no sentido de que não há texto imparcial. Há, de fato, perguntas, questionamentos, perspectivas imersas nessa parcialidade. Só não há respostas, mas, as perguntas estão lá.”

Sobre a dimensão de uma escrita enquanto móbil da cura, Lílian e Deus assevera que “o processo de escrita sempre funcionou como cura para mim. Como se fossem os mesmos mecanismos da psicanálise. Escrever para elaborar o caos, para ressignificar os problemas. Eu, desde sempre, só me entendo no mundo a partir da escrita” (DEUS, 2020). Quando a vida a “atropela de um jeito que [achava] que não daria conta” (DEUS, 2020), a Literatura manifesta sua força regenerativa em seu ser. O *Palavra em preto e branco*, por exemplo, emerge do turbilhão em que a poetisa estava envolta quando da perda da sua avó paterna, Maria das Dores de Deus, conhecida como Dona Lia.

Lílian e Deus é umbandista desde os 22 anos de idade. É médium e trabalhava no Centro São Francisco de Assis, em Belo Horizonte – MG, dirigido pela quase octogenária D. Ruth, fazendo atendimentos com a ajuda de seus guias, quando descobriu ser filha de Oxum e Oxóssi. Em um sentido mais ampliado, se percebe filha de Nanã. Inclusive, há em *Palavra em preto e branco* um poema dedicado especialmente para a sua guia, preta velha, mãe Quitéria.

Compartilhadas essas informações, que dão a conhecer um pouco da singularidade e relevância da produção literária de Lílian e Deus, resta comprovado o quão razoável e urgente é que se encaminhe energia de pesquisa que tome como objeto obras dessa escritora. Registra-se a importante inclusão de página específica para a autora Lílian e Deus no *literafro – Portal da Literatura Afro-Brasileira*, a convite do Professor Eduardo de Assis Duarte, no segundo semestre de 2020.⁵

⁵ Para maiores informações, conferir: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1496-lilian-paula-serra-e-deus>.
Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 87-113, 2021

A investidura em parte da obra de Lílian e Deus toma como mote as diferentes configurações da violência que os corpos negros enfrentam na vida cotidiana, expressos na literatura em prosa dessa escritora afro-brasileira. Essa temática permitirá ressaltar elementos que auxiliem a entender a forma como se constrói, na escrita literária de Lílian Paula Serra e Deus, um esforço de elaboração e questionamento da realidade cotidiana, alimentada pelo cruzamento persistente de violências (de raça, gênero, pertença social) que a permite trazer à enunciação a crueza de relações sociais, agenciadoras da reprodução de seres humanos considerados meros objetos.

Essa questão sustenta a reflexão que ora se apresenta e cuja busca de respostas orbita a seguinte hipótese: Quando o projeto literário de Lílian e Deus retoma, para se insurgir, feições da Negritude, acaba justamente por subsidiar o entendimento da movimentação de corpos negros na sociedade brasileira encenada em seus contos, ao mesmo tempo em que expõe o comportamento arquetípico enlaçado pela ideologia da branquidade, que parece existir exclusivamente para manter regimes assimétricos, há séculos configuradores da feição do Brasil que se conhece. Acredita-se que nesse aspecto reside uma das linhas de força dessa veia literária, necessária por ser desobediente.

Para consubstanciar a análise literária aqui empreendida tomou-se como objeto a edição publicada pela editora Voz de Mulher, em 2020, do livro de contos *Não é preciso ter útero para ser mulher*. Assim, esta reflexão intenta enveredar por alguns contos selecionados da referida obra, especificamente os intitulados “*Fake News*”, “*Ligação*” e “*Putas*”. Em um primeiro momento o foco é discutir o modo como é questionado o mito brasileiro da democracia racial, a partir do posicionamento insurgente de personagens femininas do conto “*Fake News*”. Em seguida, passa-se a refletir sobre processos de coisificação de corpos femininos negros por integrantes de uma sociedade que age e se pensa branca e falocentrada, tal como expõe o conto “*Ligação*”. Ato contínuo intenta-se esquadrihar a encenação presente no conto “*Putas*” que evidencia o aviltamento de mulheres, sobretudo do tecido social periférico, as quais se mantêm numa permanente batalha por sobrevivência. O cumprimento desses três aspectos permitirá, como se demonstrará, encaminhar o objetivo geral desta reflexão, que é explicitar como a escrita literária de Lílian Paula Serra e Deus, em contos selecionados da obra *Não é preciso ter útero para ser mulher*, ilumina os detalhes ínfimos



de seres anônimos e escancara os regimes de violência, sobretudo racial e de gênero, alcançando, a despeito de tantas agruras, a configuração de uma geografia do acolhimento.

2 METODOLOGIA

Em termos de métodos e técnicas, o presente trabalho pode ser enquadrado como monográfico quanto aos métodos que indicam os meios técnicos da investigação e, por conseguinte, aprofundou a pesquisa bibliográfica enquanto técnica de pesquisa. Foram compulsadas as seguintes fontes e bases de dados: catálogos de sistemas de bibliotecas brasileiros; repositórios institucionais; rede de repositórios institucionais do Brasil e do exterior; Biblioteca de Dissertações e Teses do Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT); Catálogo de Teses e Dissertações e o Portal de Periódicos eletrônicos da Capes, dentre outras.

O operador “violência”, com recorte em relações étnico-raciais, ponto central da presente proposta, foi alicerçado, por exemplo, nas teorizações de Aimé Césaire (2010), Priscila Elisabete da Silva (2017), Frantz Fanon (2008), Sérgio Costa (2002), Stuart Hall (2009), Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2008), Lílian Moritz Schwarcz (2012), Joyce Souza Lopes (2017), Lourenço Cardoso (2017) e Rodrigo Ednilson de Jesus (2021).

De fundamental importância foi a retomada, sempre que pertinente, de parte das teorizações de crítica literária que discute aspectos da literatura negra, afro-brasileira, feições do cânone, subalternidade e questões correlatas, a partir de: Maria Nazareth Soares Fonseca (2011), Karina Almeida Calado (2020), Franciane Conceição da Silva (2017, 2018), Eduardo de Faria Coutinho (2010), além de outros estudiosos que foram postos em diálogo no decorrer da discussão.

Com esse aparato teórico-crítico se procedeu à análise propriamente dita dos três contos escolhidos, como adiante se apresentará.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Lélia: corpo negro a esfacular uma suposta democracia racial

O conto “*Fake News*” narra a trajetória da jovem negra Lélia, da periferia da megalópole São Paulo, estudante universitária cotista da Universidade de São Paulo (USP), no curso de História. São dadas a conhecer situações de seu cotidiano, incluindo as violências de que seu corpo feminino negro é alvo. Seu movimentar pelas ruas da cidade a coloca em contato com Pedro, homem branco integrante de família financeiramente rica e repleto de atitudes machistas e racistas. Ao ser assediada por Pedro, Lélia decide registrar ocorrência em delegacia e, mais uma vez, é vitimada pelo policial de serviço. Apesar de todas essas mazelas, a jovem estudante inspira-se em Ana Maria, uma de suas professoras na Faculdade, cuja trajetória guarda muita semelhança com sua própria vida.

Pode-se dizer que o ponto central do conto é a luta diária de Lélia para romper os lugares e funções a ela impostas pelos ditames de uma sociedade que se quer branca, machista e falocentrada. O trânsito da personagem emblemática o questionamento, entre outros aspectos, ao mito da democracia racial brasileiro via postura insurgente dessa jovem estudante.

É de se notar, também, a perspicaz estratégia realizada pela autora ao intercalar a trama dessas três personagens principais, Lélia, Pedro e Ana Maria, com uma outra camada narrativa, destacada nas diversas citações entre aspas e grafadas tipograficamente em negrito e itálico. Essas falas permeiam o fio narrativo e, de alguma maneira, situam o enredo na cena política brasileira contemporânea, uma vez que o leitor, minimamente atento à realidade circundante, sem dificuldade poderá se lembrar de vários pronunciamentos do líder máximo do poder executivo, ou, ainda, de membros de seu primeiro escalão.

Apenas para se ter uma ideia desse diálogo aberto com a conjuntura política atual, o trabalho criativo com a verborragia que lembra o tom odioso do clã bolsonarista abre o conto, como se vê no excerto adiante: “*Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adaptam ou simplesmente desaparecem*” (DEUS, 2020, p. 34, itálicos do original). Ainda que possa gerar profundo incômodo, as outras 17 vezes em que são incorporadas ao desenrolar do conto manifestações literais do atual presidente do Brasil, o efeito de sentido obtido na enunciação mostra-se habilidosa estratégia para propiciar a reflexão no público leitor disposto a fazê-lo. Há, nesse conjunto de citações, preconceito de ordem religiosa; posicionamento contrário à política de cotas; de negação à existência do período escravocrata; racismo; violência sexual; sexismo;

machismo deliberado; negação da existência de racismo na sociedade brasileira; preconceito com os povos quilombolas; xenofobia; apologia às armas de fogo; lgbtqia+fobia; defesa do acesso ao ensino superior apenas para a burguesia nacional e por aí vai.

A escrita literária de Lílian e Deus articula esse combo de idiossincrasias para elaborar a crueza do rebatimento dessa série imensa de violações justamente em tipos humanos, metáforas e metonímias do modo como o tecido social do Brasil funciona.

Da enormidade de caminhos que podem ser percorridos, ofertados pela narrativa de “*Fake News*”, neste momento opta-se por focar a análise em algumas passagens da vida de Lélia que iluminam a fragilidade do suposto mito da democracia racial, sobre o qual a oficialidade debruça-se para explicar a formação da sociedade brasileira. De acordo com o sociólogo e professor brasileiro Antonio Sérgio Guimarães, o termo

“democracia racial” passa, portanto, a carregar e sintetizar uma certa constelação de significados. Nela, raças não existem e a cor é um acidente, algo totalmente natural, mas não importante, pois o que prevalece é o Brasil como Estado e como nação; um Brasil em que praticamente não existem etnias, salvo alguns quistos de imigrantes estrangeiros. Inventava-se, portanto, um povo para o Brasil, que passa a ter samba, passa a ter um pouco da cultura negra, que até aqui não existia pois se, no Império, predominou a mística do índio, e na República a mística do imigrante europeu, somente na Segunda República o negro vai dar coloração à nação, à ideia de uma nação mestiça. (GUIMARÃES, 2008, p. 75).⁶

Lélia, “menina preta, da zona leste de São Paulo, estudante cotista da USP” (DEUS, 2020, p. 35), diferentemente de como Pedro, “recém-formado em Direito [...] sobre o sofá de couro no qual despejava o peso de seu corpo branco de garoto mimado de classe média, [...] cujo único compromisso era com o sonho da alcunha de doutor” (DEUS, 2020, p. 35)⁷, a via, tinha plena consciência de quem e o que significava:

⁶ Para mais informações sobre esse “mito” ver Costa (2002).

⁷ Não é de todo descabido associar o tipo social que o mimado Pedro representa ao do branco de matriz portuguesa, conforme caracterizado pelo sociólogo brasileiro, pioneiro dos estudos sobre a branquitude e a realidade brasileira, Lourenço Cardoso: “Os primeiros a desembarcarem no Novo Mundo serão os degredados, diga-se de passagem, a pior espécie de lusitanos, por isso foram condenados a abandonar sua nação. Será o degredado, o menor em hierarquia entre os próprios brancos portugueses, o primeiro colonizador dos novos tempos. Para o inglês, o português era um selvagem, um branco não branco, entenda-se (branco menos branco), um branco degenerado em decorrência de sua mistura com outros povos ao longo dos séculos” (CARDOSO, 2017, p. 175).

Lélia trazia no seu registro de nascimento o orgulho de carregar o nome de uma mulher que narrou e contestou as histórias podres dos primeiros Pedros brasileiros, quando poucos homens as ousavam contar. Lélia soube, desde cedo, que as identidades que trazia consigo – mulher, preta, pobre, periférica, brasileira – as faria cruzar novamente com Dandara, Conceição, Carolina, Maria, Marielle, Lívia, Beatriz, Geni, Esmeralda, Cidinha, Cristiane, Ana Maria, Gonzalez. (DEUS, 2020, p. 36).

Essa consciência da menina preta e seu entendimento quanto à identidade multifacetada que a constitui a aproxima, por sua própria escolha, de uma série extensa de outras iguais, mulheres pretas de distintos ramos de atividade: intelectuais, ativistas e escritoras tais como Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Ana Maria Gonçalves, Marielle Franco, Lélia Gonzalez. Não desconsiderando a relevância das mulheres referenciadas pela jovem estudante, convém ao menos sublinhar a provável homenagem feita pela autora ao batizar a personagem protagonista com o nome de Lélia. Essa parece uma nítida alusão à belorizontina Lélia Gonzalez, filha de uma empregada doméstica e um ferroviário, nascida em 1935 e falecida em 1994. Graduada em Filosofia, Geografia e História a proeminente acadêmica, no início dos anos 1990

se transformou numa referência incontornável na organização de mulheres negras e também na formação acadêmica feminista negra. [...] denunciou processos de branqueamento da sociedade brasileira, sem deixar de interseccionar marcadores de gênero, raça, religião e classe. [...] Em 1982, escreveu: “Estamos cansados de saber que nem na escola nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir este país. A essa mentira tripla se dá o nome de: sexismo, racismo e elitismo.” (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021, p. 328, 329).

Com esse cabedal a menina preta Lélia, ao ter a sua trajetória atravessada pela de Pedro, que sem conhecê-la e vendo-a pela primeira vez, “viu somente a bunda” (DEUS, 2020, p. 35), e gritou: “_ Morena? Que rabo, hein!?” (DEUS, 2020, p. 36), não hesitará em se insurgir contra ele. A estudante não apenas revida a violência sexual como decide, imediatamente, registrar a ocorrência pelo crime de racismo cometido contra ela por Pedro. Ao evidenciar, novamente, as torpes

engrenagens que articulam o suposto mito da democracia racial, têm-se a indignação e frustração de Lélia perante o reiterado desrespeito institucionalizado na delegacia, na figura de “Meirelles, o cabo responsável pelo período” (DEUS, 2020, p. 37). A completa falta de empatia pela vítima é a ela comunicada nos seguintes termos: “Agora tudo é racismo, chega de mimimi mulher que eu tenho mais o que fazer. Vai lavar uma louça” (DEUS, 2020, p. 37). Causa perplexidade na jovem preta o não registro da ocorrência autorizando-a a concluir que somente a letra fria da lei que criminaliza o racismo não sinaliza sua efetividade no agrupamento social assentado no suposto mito da democracia racial.

Outro aspecto a analisar diz respeito ao pioneirismo de Lélia em sua família. Ela

era vista com bastante orgulho por ser a primeira a cursar uma universidade. Ela estudava para ser professora de história. Queria entender para conseguir explicar, primeiramente, a si mesma o porquê de ser tudo tão desigual. Talvez assim conseguisse igualar o mundo, talvez assim acreditasse no milagre da partilha dos pães. (DEUS, 2020, p. 38).

Como já assinalado, Lélia ingressara na universidade fazendo uso da reserva de vagas via política de cotas, e era inteligentíssima, muito embora Pedro “visse nela a escória da sociedade” (DEUS, 2020, p. 35). A escrita literária de Lílian e Deus transporta para a carnadura textual a belicosa temática da implementação das políticas de promoção da equidade racial no ensino superior público brasileiro, e torna possível considerar, inclusive, o limiar da primeira década da legislação das cotas raciais, conforme a Lei federal n. 12.711, de 29 de agosto de 2012, cujo ementário “dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.” Essa questão está longe de ser ponto pacífico no tecido social brasileiro, principalmente ao se considerar o desserviço que falas oficiais de cunho racista prestam para complicar ainda mais o entendimento de cada cidadão sobre a matéria. De certa maneira, Pedro representa essa forma de pensar e sua insistência em manter o mundo inalterado, sua luta “contra a ralé que tentava forçar os portões” (HALL, 2009, p. 318). O comportamento reativo e reacionário de Pedro exemplifica os sentidos do conceito de branquitude, sumariado pela pedagoga e professora brasileira Priscila Elisabete da Silva:

A branquitude é um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir de seu ponto de vista. Ela implica vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimento dos não brancos. Tais vantagens são frutos de uma desigual distribuição de poder (político, econômico e social) e de bens materiais e simbólicos. Ela apresenta-se como norma, ao mesmo tempo em que como identidade neutra, tendo a prerrogativa de fazer-se presente na consciência de seu portador, quando é conveniente, isto é, quando o que está em jogo é a perda de vantagens e privilégios. (SILVA, 2017, p. 27-28).

Algumas das falas presentes no conto, nessa camada das abonações destacadas em negrito, entre as aspas e em itálico, podem ser vistas a seguir:

“Quem usa cota, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista.”

[...]

“A ideia de universidade para todos não existe. As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual.” (DEUS, 2020, p. 35, 39, itálicos do original).

O professor e sociólogo brasileiro Rodrigo Ednilson de Jesus assinala qual o público-alvo das políticas afirmativas, remetendo “à sua própria finalidade: combater o racismo e as desigualdades raciais, sobretudo no acesso da população negra ao ensino superior brasileiro” (JESUS, 2021, *online*).⁸ Jesus compartilha a experiência obtida em março de 2010, quando esteve presente na célebre Audiência Pública sobre políticas de Ações Afirmativas e Cotas no Supremo Tribunal Federal em Brasília, acompanhando discursos de vários intelectuais dedicados a refletir sobre as relações raciais no Brasil. Após analisar os discursos proferidos naquela Audiência, Jesus constatou que

⁸ Vale retomar, a esse respeito, parte das considerações do professor e historiador brasileiro Petrônio Domingues: “Com a execução dos diversos programas de ações afirmativas, a partir do terceiro milênio, verificou-se que os afro-brasileiros se tornaram sujeitos de direitos, o que provocou um inédito cenário de debates político-institucionais e polêmicas públicas em torno das políticas raciais. Pela primeira vez ser negro/a deixa de ser ônus para se tornar, às vezes, até bônus. Neste contexto, contar a história desse grupo reconhecendo protagonismos, revalorizar (e empoderar) a identidade racial, afirmar a categoria raça/cor dos sujeitos adquire um caráter político, à medida que tal ato pode estar associado a uma redistribuição de recursos e uma educação de cunho multicultural. Ocorre que enfrentar as desigualdades raciais no Brasil não é uma tarefa fácil. Embora o racismo seja hoje reconhecido e debatido, está longe de ser resolvido” (DOMINGUES, 2018, p. 466).

as divergentes representações sobre o Brasil e sobre as relações raciais brasileiras – que variavam desde aquelas que denunciavam a existência de discriminação racial em vários espaços sociais até aquelas que sustentam o caráter harmônico de nossas relações raciais – estavam intimamente associadas às formas como os atores sociais concebiam as alternativas políticas mais adequadas e mais coerentes com os projetos de nação aos quais se filiavam. (JESUS, 2021, p. 24).

Entrar, permanecer e se formar em História reforça o simbolismo do existir da menina preta Lélia. Em determinado trecho do “Posfácio” da obra *Não é preciso ter útero para ser mulher*, a pesquisadora e professora brasileira Karina de Almeida Calado tece relevante constatação:

No conto “*Fake News*”, expressão que dialoga com o nosso tempo e nos traz possibilidades várias de leitura, ao longo da narrativa, a autora desveste o mito da nossa democracia racial, evidenciando que essa “democracia” se trata de uma grande *Fake News*, construída e disseminada ao longo da nossa história. [...] A história de Lélia é intercalada por trechos do discurso do patriarcado branco, simbolicamente representado por uma face que dita os tristes rumos do país. [...] Lélia representa uma esperança de descolonização, através do conhecimento e da conquista da autonomia. (CALADO, 2020, p. 77, 78).

É por se solidarizar com sua professora Ana Maria, atacada por um aluno “que teimava em afirmar que o nazismo nasce de uma ideologia de esquerda, da qual Hitler fazia parte” (DEUS, 2020, p. 39), que Lélia “agarrou-se ao seu desejo de ser também historiadora” (DEUS, 2020, p. 41). Esse aluno, ao ser interpelado pela professora, decidiu que ela era “a doutrinadora esquerdopata vadia” (DEUS, 2020, p. 39) e promoveu invasões nas redes sociais da docente. De certa maneira, a enunciação se faz numa dicção metaficcional em que o que motiva Lélia a estudar – recontar a fundação do Brasil – é materializado no próprio plano da narrativa, ou seja, a vida da menina preta que é dada a conhecer funciona em uma espécie de contra-narrativa a arranhar a História que se quer oficial. Se, em curto prazo, não se desfaz completamente o mito da democracia racial, pelo menos se agencia o necessário ato de desvelar a torpe engenharia da sociedade racista, falocentrada e defensora da branquitude a todo custo, sobretudo pela visada desobediente de corpos negros representados, no conto aqui analisado, na menina preta Lélia.

3.2 Indira: batalha inglória contra a desumanização do ser/estar no mundo

O conto “Ligação” expõe a vida da menina Indira, órfã de mãe ainda criança e que nunca conheceu o seu pai. Desde pequena foi criada pelos avós aposentados. Para ajudar nas despesas da casa trabalhou desde os 11 anos como empregada doméstica. Na primeira casa em que exerceu atividades laborais, seu patrão médico, casado, a violenta sexualmente, nascendo Carolina. Indira teve outras quatro filhas, todas com pais ausentes. Certa ocasião é presa por tentativa de furtar alimentos para suas filhas. Depois de cumprir sete anos de reclusão conhece outro homem, geram outra filha, mas o ciclo se repete. Quando sua primeira filha completa onze anos de vida, assim como Indira consegue serviço de empregada doméstica.

Esse enredo convoca para a reflexão sobre processos cotidianos de coisificação de corpos femininos negros periféricos, sobretudo nos espaços domésticos em que essas mulheres exercem atividades profissionais de tom acentuadamente escravocrata. Interessa verticalizar a análise na direção de desnudar as violências praticadas por homens machistas e irresponsáveis e, por vezes, até mesmo pelas mulheres dessas casas. É principalmente sobre a personagem principal, a menina-mulher Indira, que recai o vasto rol de suplícios. A cena inicial do conto dá a conhecer, pela ótica de um narrador onipresente, o quanto a vida da menina Indira está atrelada ao chamado que custava a acontecer do aparelho telefônico. Esse objeto “mediocre, frágil, mas com a força para definir uma vida” (DEUS, 2020, p. 46) metaforiza, de forma irônica e ácida, a mediocre e periclitante vida das muitas Indiras, destituídas de força para definir os rumos das próprias vidas.

Indira espera a vida toda uma “ligação que a transportaria, através da distância de invisíveis ondas, do espaço da indignidade à dignificação do ser. Para ela, sem essa ligação, tudo parecia indigno” (DEUS, 2020, p. 46). De acordo com a professora e pesquisadora brasileira Assunção de Maria Sousa e Silva a escrita de Lilian e Deus preza

pela palavra incisiva, mordaz, desobediente e insurgente. A organicidade textual vem marcada por uma postura autoral sagaz e dinâmica que articula de forma singular discursos do poder que oprimem com o discurso poético que desmantela as carcaças da intransigência na composição de personagens e enredos provocativos, pungentes sobre a condição feminina nas relações binárias. (SILVA, 2020, quarta capa).



Essa condição feminina desvantajosa para Indira é detectável nas várias ocasiões em que os homens apenas dela se aproximam para satisfazer suas necessidades sexuais. As filhas que teve, “Lívia, que viria a ser irmã de Amanda, Catarina, Maria e Carolina” (DEUS, 2020, p. 46) nunca tiveram a presença dos pais. Nesse aspecto, sua vida reproduzia a ausência do pai da própria Indira e demonstra o lugar social quase impossível de ser transposto pelas populações periféricas, a reiterar a existência de uma organização de mundo que já prescreve a não-vida de certos indivíduos. Para a pesquisadora Karina Calado:

A vida de Indira se encontra em tantas outras histórias marcadas por carências, por ausências, pela cozinha da casa-grande, pela cruel presença masculina, pelo estupro sofrido quando menina, cometido pelo patrão branco, e pelo encarceramento injusto. (CALADO, 2020, p. 78).

Forçada a abandonar a infância com a abrupta “gravidez na adolescência” (DEUS, 2020, p. 46), Indira-menina-mulher-mãe precisa ingressar no mundo do trabalho e deixar a “sua pequena boneca preta” (DEUS, 2020, p. 48) sob os cuidados dos avós. O “emprego como caixa de supermercado” (DEUS, 2020, p. 48-49) resultará no nascimento das trigêmeas Amanda, Catarina e Maria. A menina-mãe Indira é vista como um peso pelos avós e, curiosamente, a avó não se percebe como uma variante do mesmo processo de produção de indignidade imposto à neta.

Não menosprezando esses mecanismos de reprodução de carências vistos até aqui, para os objetivos da presente reflexão importa recortar a agudização, se é que isso é possível, da condição subalternizada das mulheres negras oriundas de espaços periféricos, como é o caso de Indira, quando se movimentam por “locais de trabalho, sempre desumanos, [em que pode ser acompanhada] a coisificação de corpos femininos, subjugados tanto por homens que mandam, quanto por suas esposas” (CARVALHO, 2020, p. 20).

Em uma das vezes em que o telefone finalmente toca, Indira emprega-se como responsável pela limpeza na casa de uma família branca, do casal Dona Mercês e o médico obstetra Alberto. Quando a dona da casa se ausenta em viagem para comprar o enxoval, em Miami, “para a primeira filha do casal” (DEUS, 2020, p. 47) o obstetra maquina a ocasião de estuprar Indira:

Na cozinha Indira, de costas para o patrão, enxaguava as vasilhas dos patrões, quando foi violentamente pressionada contra a pia e viu, minutos depois, escorrer

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 87-113, 2021

entre as pernas um líquido vermelho, bem diferente daquele transparente que ainda pingava de suas mãos ensaboadas, quando, ao serem surpreendidas pelo susto do repentino golpe, deixaram a louça ainda molhada cair. (DEUS, 2020, p. 47).

A atitude criminosa e, ao mesmo tempo, deplorável do médico branco pode ser melhor compreendida, no espectro patológico, enquanto uma tara e, de acordo com o psiquiatra martiniquense Frantz Fanon (2008, p. 68), “a tara deve ser extirpada de uma vez por todas.” Parte da reflexão de Fanon (2008, p. 56-57) sobre a mulher de cor e o branco, guardadas as devidas proporções, aplica-se ao crime cometido nesta parte do conto “Ligação”: “O branco, sendo o senhor, ou simplesmente o macho, pode se dar ao luxo de dormir com muitas mulheres. Isso acontece em todos os países e mais ainda nas colônias.” Essa mentalidade doentia continua a povoar, no imaginário alucinado da branquitude, as casas “de família” (DEUS, 2020, p. 51). Vale retomar a explicação da professora e historiadora brasileira Maria Helena Pereira Toledo Machado sobre a prática rotineira da violência sexual sofrida pelas mulheres, sobretudo porque esse é exatamente o caso ocorrido no espaço do trabalho, casa-grande moderna, no conto aqui analisado:

Outro problema que as escravizadas enfrentavam era o estupro, que acontecia em todas as sociedades escravistas. O tema é normalmente silenciado ou idealizado como um encontro amoroso, ou quase, ocorrido sob os auspícios de uma escravidão íntima e adocicada. Vistas como portadoras de uma sexualidade exagerada ou como mulheres passivas – interpretação adotada pelo abolicionismo inglês e assumida como realidade por autores como Gilberto Freyre -, quase sempre a culpa do abuso era atribuída às vítimas. (MACHADO, 2018, p. 338).

Essa permanência da hipocrisia na intimidade dos lares, espécies de senzalas modernas, como aquela em que trabalhava Indira, indicia o funcionamento de ambientes propícios à discriminação e ao racismo, ou, nos termos da professora e antropóloga brasileira Lilia Moritz Schwarcz:

O racismo aparece, dessa maneira – e mais uma vez -, como uma expressão de foro íntimo, mais apropriado para o recesso do lar, quase um estilo de vida. É como se os brasileiros repetissem o passado no presente, traduzindo-o na esfera privada. A extinção da escravidão, a universalização das leis e do trabalho não teriam afetado o padrão tradicional de acomodação racial; ao contrário, agiriam no sentido de camuflá-lo. (SCHWARCZ, 2012, p. 70).

É estarrecedor tomar conhecimento de que a menina preta Indira, mais uma vez abandonada à própria sorte pelo pai de uma gravidez de trigêmeas, será atendida em uma maternidade justamente pelo esposo de sua ex-patroa:

Os três filhos (sic) de Indira nasceram pelas mãos do Dr. Alberto, alma benevolente, que uma vez por mês fazia atendimentos no hospital público da cidade como forma de ajudar os menos favorecidos que Deus colocava em seu caminho. O médico não reconheceu a mãe de seu filho (sic), pois a única vez que esteve de fato com a moça, a viu apenas de costas e nem se deu ao trabalho de olhar-lhe nos olhos. (DEUS, 2020, p. 49).

Mostra-se, dessa forma, ser praticamente impossível romper esse ciclo de violações. Aliás, como a própria instância enunciativa registra, “a vida parecia debochar dela” (DEUS, 2020, p. 49). Tanto é assim que D. Mercês entraria em contato, por telefone, com Indira, ao retornar dos EUA para desligá-la do serviço por conta da queda da “louça, porcelana francesa, presente de casamento” (DEUS, 2020, p. 47). Cumpre sublinhar a função triplamente perversa realizada pela ex-patroa branca. A atitude de D. Mercês, de uma só vez: sustenta parte da imagem falaciosa de um arremedo de família tradicional; demonstra ausência completa de empatia por meninas-mulheres periféricas; e referenda a necessidade de se sobrepor àquele corpo negro feminino e pobre para manutenção de sua suposta posição de superioridade no arranjo social.

Resta observar que a dificuldade de conseguir trabalho para “aplar a fome das crianças” (DEUS, 2020, p. 50) leva Indira a furtar uma lata de leite e, por conta disso, é chamada de: “_Vagabunda! Preta safada!” (DEUS, 2020, p. 50). Qualquer semelhança com a realidade atual de muitas Indiras Brasil afora não é mera coincidência. Recente fato de mesma natureza foi noticiado publicizando a negativa da justiça brasileira em conceder “liberdade a mãe de 5 filhos que furtou miojo e refrigerante de supermercado na Zona Sul de São Paulo” (NOTÍCIA PRETA, 2021, *online*).

O efeito estético alcançado pelas letras afiadíssimas de Lílian e Deus parece se fazer notadamente nos sobressaltos de “Ligação” ao modo daquilo que a professora e pesquisadora brasileira Franciane Conceição da Silva denominou de ferocidade poética. Esse conceito compreende

uma estratégia de narrar a violência que constrói uma linguagem “bonita dentro de algo que é considerado feio”. As narrativas da ferocidade encenam temas complexos, como a violência e a morte, com uma sensibilidade e beleza que procuram afetar positivamente o/a leitor/a. [...] essa possibilidade de encenação da violência em textos literários ser permeada por gestos de poeticidade. Esse lirismo intensifica o efeito do ato violento, ao mesmo tempo em que traz uma carga de ternura para aquilo que é encenado, acentuando a nossa sensibilidade, nos impelindo a refletir, de alguma forma, sobre as situações ficcionalizadas. [...] uma estratégia narrativa utilizada pelas escritoras afro-brasileiras para encenarem a violência, sobretudo, a praticada contra personagens negros, equilibrando brutalidade e ternura, agressividade e doçura. (SILVA, 2018, p. 164, 168, 170).

Indira, pois, anseia por uma ligação que a demova do espaço da coisificação para o da dignidade do ser. Contudo, o regime de orquestração do mundo parece sempre vigilante para que o telefone nunca toque nessa outra melodia. A manter inalterável o ciclo da vida, Indira “ouviu dos avós que Livia, agora com onze anos, iria começar a trabalhar em uma casa de família. A menina Livia recebera naquela manhã a sua primeira ligação” (DEUS, 2020, p. 51). Ainda que Indira tentasse, o mundo continuava a se apresentar para ela vil como sempre houvera sido.

3.3 Inácia: desafios das mulheres sobreviventes em paisagens do não

O conto “Putas” narra as barbáries que acontecem cotidianamente com Inácia, mulher negra, na volta do trabalho para casa. Compartilha-se a aflição que o transitar pelos espaços urbanos, sozinha, provoca nessa mulher, além do fato de ser desrespeitada pelos homens, principalmente no linguajar por eles utilizados para a vilipendiar. Pela apurada lente de Inácia expõe-se um tipo de destino que une a todas as mulheres, o fato de serem consideradas putas.

De certa maneira, o conto ressalta o aviltamento de mulheres, sobretudo as pertencentes ao tecido social periférico, e traz à superfície as múltiplas dimensões da batalha que elas travam para sobreviver nesses espaços da hostilidade, como se passa a analisar. Chama a atenção a perspicaz leitura de mundo que a personagem principal constrói, ainda que em condição adversa. Inácia não está, por exemplo, na comodidade de um escritório, biblioteca, laboratório, centro de pesquisa; ao contrário, ela detalha os espaços e espacialidades concomitantemente ao seu deslocar pelas várias geografias que perfazem seu caminho. Não por acaso o comportamento dessa mulher remeteria a uma metamorfose da figura benjaminiana do *flâneur*. Ela, assim como “o *flâneur* é o observador do

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 87-113, 2021

mercado” (BENJAMIN, 2019, p. 717), perscruta o mundo e, nessa linha, o saber de ambos “está próximo da ciência oculta da conjuntura” (BENJAMIN, 2019, p. 717). Essa *flânerie* contemporânea, que habilmente disseca a conjuntura dos espaços que habita compartilha vivências, experiências de dor e “histórias [que] revelam diferentes formas de opressão, que se interseccionam” (CALADO, 2020, p. 76).

A cidade é descrita como ambiente hostil para os corpos femininos, principalmente demarcado com o uso de vocábulos tais como “sombra [...] breu [...] penumbra” (DEUS, 2020, p. 62), e o ato de “voltar sozinha para casa à noite, aqui ou lá, era sempre o despertar de um medo contínuo” (DEUS, 2020, p. 62). Enquanto, por obrigação, desloca-se pela cidade, Inácia, pela voz de um narrador onisciente, descortina sua percepção, sua análise de conjuntura acerca da maquinaria simbólica operada pelos homens, sempre machistas e despudorados, de nomeação do que consideram objeto-mulher. É bem relevante e provocativo, corajoso mesmo, o raciocínio que sustenta a argumentação / teoria, elaborado por ela, segundo o qual toda mulher é tomada, por vontade alheia, como puta, como se vê no excerto a seguir:

Enquanto caminhava pensava que todas as mulheres são um pouco putas. Umhas mais, outras menos. Mas todas elas vadias, safadas, piranhas, vagabundas, putas. Bastava ser mulher que o olhar do macho as desvestia da função mãe, professora, médica, advogada, enfermeira, pediatra. Bastava caminhar por sobre qualquer rua ou viela, de qualquer cidade que logo a transformação se daria: P – U – T – A. De alguma maneira, sempre putas. (DEUS, 2020, p. 63).

O olhar parcimonioso de Inácia delimita sua empatia, bem como seu “profundo respeito pelas putas porque sabia que em algum lugar seus corpos se encontravam. Sabia que eram feitas da mesma substância, que despertavam o mesmo sentimento *neles*” (DEUS, 2020, p. 63, destaque no original).

Inácia revira as entrelinhas de uma variante linguística, largamente utilizada por homens, fruto “da masculinidade pervertida *deles*” (DEUS, 2020, p. 62, destaque no original), cuja principal marca é a putização de todas as mulheres, de quaisquer idades. Talvez, pela ótica dessa personagem as fronteiras rígidas da “cidade baixa e cidade alta” (DEUS, 2020, p. 62) se tornam menos funcionais nessa aparente minudência: a putização languageira congrega, à revelia delas obviamente, meninas, meninas-mulheres e mulheres de todos os espaços. Convêm investigar os sentidos de duas palavras pouco usuais para melhor entendimento desses “sons que invadiam o seu [Inácia] corpo, sem pedir

licença” (DEUS, 2020, p. 63) desferidos pelos “homens que se viam no direito de invadir espaços para os quais se autodeclaravam donos, proprietários, mesmo que essa posse nunca tenha sido consentida” (DEUS, 2020, p. 63).

O teor exarado nessa putização linguageira materializa uma dicção tabuísta. De acordo com o *Dicionário Houaiss* (2009), tabuísmo, substantivo masculino, cuja rubrica advém da linguística abarca a seguinte acepção:

Palavra, locução ou acepção tabus, consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos. [São os chamados palavrões e afins, e referem-se ger. ao metabolismo (*cagar, mijar, merda*), aos órgãos e funções sexuais (*caralho, pica, boceta, ‘vulva’, colhão, cona, foder, crica, pachoucho* etc.), incluem ainda disfemismos pesados como *puta, veado, cabrão*, expressões tabuízadas (*puta que pariu*) etc.]. (HOUAISS, 2009, destaques no original).

Por conseguinte, à presente reflexão interessa acercar-se dos sentidos exatos dos disfemismos. Logo, nova consulta ao mesmo *Dicionário* pontua que “disfemia”, de origem grega, etimologicamente significa “palavra de mau agouro, blasfêmia” (HOUAISS, 2009), ao passo que o substantivo masculino “disfemismo”, datado de 1960, possui as seguintes acepções dicionarizadas:

1. Rubrica: linguística.

Emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, em lugar de outra palavra ou expressão neutra (p. ex.: *ficar puto* por *ficar com raiva*)

2. Rubrica: linguística.

Palavra ou expressão agressiva, blasfema ou pejorativa (p. ex.: *poetastro, politicoide, reação*). (HOUAISS, 2009, destaques no original).

No vasto conjunto das figuras de retórica, ou, das figuras de estilo enquadra-se o disfemismo. De acordo com a pesquisadora brasileira Luana Ferraz

o disfemismo tem sido tradicionalmente considerado como “uma palavra ou expressão malsonante que faz referência aos aspectos menos agradáveis da realidade que designa”. Visto assim, rapidamente, o conceito parece simples. Na verdade, não é. [...] o disfemismo não se limita àquelas palavras que podem ser consideradas mais ou menos desagradáveis pelos interlocutores. [...] o âmbito do fenômeno se estende a toda atuação que possa ser compreendida como “politicamente incorreta”. (FERRAZ, 2015, p. 1378).

Os homens, então, no conto se valem dessa dicção tabuísta, cuja postura disfêmica atinge Inácia com os seguintes termos: “[...] enquanto caminhava, sob a intromissão do olhar do outro, era a mulata gostosa, a puta, a morena vadia, era a bunda, o peito, as coxas; partes de um corpo fragmentado e compulsoriamente servido aos pedaços, sem pudor” (DEUS, 2020, p. 63, grifos nossos). Fica evidente, ademais, a intersecção com o racismo à brasileira⁹, o qual, de acordo com a pesquisadora brasileira Joyce Souza Lopes:

Reconfigura-se nas relações do olhar, da estética, sobretudo e todas as coisas da cor da pele. O nosso racismo é estruturalmente epidérmico, melanocrático, pigmentocrático, colorista, em que a aparência “mestiça-clara” representa também valor de brancura. (LOPES, 2017, p. 155-156).

O sexismo acoplado à postura racista exponencializa a putização linguageira ao estabelecer camadas dessa variante linguística a fim de marcar a diferença de um grupo específico de mulheres, com recorte étnico-racial, como expresso nas locuções adjetivas “mulata gostosa” (DEUS, 2020, p. 63) e “morena vadia” (DEUS, 2020, p. 63).

Essa ambiência responsável por mutilar a todas as mulheres, seja pelos “sons que invadiam o[s] seu[s] corpo[s], sem pedir licença” (DEUS, 2020, p. 63); seja rasgando-lhes “a pele todas as vezes que confrontava[m] o sistema” (DEUS, 2020, p. 64), ao fim e ao cabo fazia com que Inácia convalidasse sua teoria de que essas violências “cotidianas [...] fazem de todas as mulheres profanas, promíscuas, putas. Umás mais outras menos, mas todas putas” (DEUS, 2020, p. 64). Há de se convir que o caso de Inácia indica a estratégia da escritora de burilar uma personagem *sui generis*, de certa forma, fantasmagórica nos termos benjaminianos: “A fantasmagoria do *flâneur*: a partir dos rostos, fazer a leitura da profissão, da origem e do caráter” (BENJAMIN, 2019, p. 721).

Ao realizar um deambular reformulado, uma *flânerie* de viés espacialmente periférico, se torna possível à Inácia exercitar a leitura dos sem caráter e cartografar, sob a ótica de corpos femininos negros, os “lugares distintos” (DEUS, 2020, p. 62) nas “cidades [que] nunca foram projetadas para elas” (DEUS, 2020, p. 62).

⁹ Para compreender outras características desse racismo à brasileira indicasse a leitura, principalmente, do primeiro capítulo de Mendes (2018).



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] é fundamental, a meu ver, fortalecer as literaturas de mulheres negras e isso se faz, sobretudo, através da escolha política de ler essas mulheres.”
(Lilian e Deus, 2021, p. 275)

Ao se observar uma parte das temáticas que perfazem os objetos de estudo no campo dos Estudos Literários, cujas reflexões investigam textos do sistema literário brasileiro contemporâneo, muito embora um longo percurso já tenha sido feito, pode-se concluir que muito empenho deve ser direcionado para alargar o conjunto de obras de escritoras e escritores que, por motivos diversos, não estão ainda nos circuitos legitimados na economia livreira nacional e, muito menos, nos espaços elitistas da crítica acadêmica.

Ao realizar levantamento bibliográfico inicial, em vasto leque de fontes de informação impressas e em meio eletrônico, percebe-se que tal engrenagem de solapagem de determinada produção ficcional brasileira centra sua força notadamente na literatura que se faz na contramão daquela que contribuiu para a manutenção de uma ideia truncada da nação brasileira. Nessa perspectiva, arregimentam maior potência de significação textos literários que são gestados por povos afrodiáspóricos, uma vez que, não como uma regra, de formas distintas muitos desses textos articulam, em sua enunciação, outras vozes e pontos de vista que se marcam, deliberadamente, pela desobediência e questionamento de histórias que foram, de maneira ardilosa, endossando uma imagem estereotipada das pessoas afrodescendentes na diáspora. Essa literatura assume um conjunto de características que uma parte da crítica especializada vai denominar, a partir do que se ficcionaliza nessas obras, de literatura negra, ao passo que outra corrente teórica denominará de literatura afro-brasileira.¹⁰

Logo, de certa maneira, acredita-se que o projeto literário de Lílian e Deus detém uma feição negritudinista, em termos cesairianos. Como se verificou nos contos analisados neste trabalho, na escrita criativa focalizada a Negritude

resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito.

¹⁰ Para informações detalhadas sobre essa questão ver Fonseca (2011) e, também, (Duarte, 2011).
Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 87-113, 2021



Ela é um despertar; despertar de dignidade.
Ela é uma rejeição; rejeição da opressão.
Ela é uma luta, isto é, luta contra a desigualdade.
Ela é também revolta. [...] contra aquilo que eu chamava de reducionismo europeu. (CÉSAIRE, 2010, p. 109-110).

A incursão realizada em parte dos textos em prosa de Lílian Paula Serra e Deus permitiu a observação de aspectos de um projeto literário que se faz em uma vertente negritudinista. Ao mobilizar vozes femininas em permanente denúncia, uma escrita afrocentrada desenha, como foi demonstrado, uma estética da resistência e, ao mesmo tempo, agencia uma poética negra.

O cotidiano da tríade de mulheres, personagens protagonistas dos contos tomados como campo de análise, ou seja, “*Fake News*”, “*Ligação*” e “*Putas*”, respectivamente Lélia, Indira e Inácia figuram contundentes denúncias contra as diferentes formas como a violência se materializa: a hipocrisia, a mediocridade humana, a apatia que regula o convívio social, o feminicídio em câmera lenta. Ouvidos atentos tornarão possível apreender, na agrura cotidiana de corpos negros femininos, a vida que insiste em pulsar e resiste bravamente, e com as poucas ferramentas disponíveis, à prisão de toda natureza, ao racismo, ao sexismo, ao silenciamento de vozes-mulheres, enfim, à política da morte.

A trama textual de Lílian e Deus toma como substrato para a elaboração estética a matéria delicada e tamponada por uma sociedade de (des)valores brancocêntricos para, justamente, contar outras histórias possíveis. Uma enunciação desse feito empenha a palavra na recusa a se vergar aos ditames do patriarcado.

Como assevera a própria autora, seu texto arquiteta vozes que performatizam a insubmissão de mulheres que não aceitam mais quaisquer tipos de amarras. Ainda que nenhuma dessas questões seja resolvida de um segundo para outro, encampá-las na Literatura pode estrategicamente auxiliar a uma sociedade adoecida curar-se. Talvez seja esse um dos grandes contributos da obra da escritora afro-brasileira Lílian Paula Serra e Deus, ou seja, ao usar a letra à moda de afiado bisturi na dissecação dos mecanismos produtores de humanos sem humanidade pavimenta, para todos, a viabilidade de coexistência de outras e necessárias histórias, pautadas por uma urgente geografia do acolhimento.



REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Maria Ferreira; CARVALHO, Wellington Marçal de. **Deslocamentos estéticos**. Florianópolis: Nyota, 2020. p. 363. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/catalogo>. Acesso em: 11 out. 2021.

BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda. (Org.). **Cadernos negros**, v. 42. Contos afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2019. p. 327.

BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Willi Bolle (Org.); Olgária Chain Féres Matos (Colab.). Belo Horizonte, UFMG, 2019. v. 2. p. 701-758.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm. Acesso em: 10 out. 2021.

CALADO, Karina de Almeida. Posfácio: dores-mulheres em narrativas insurgentes de Lílian Paula Serra e Deus. In: DEUS, Lílian Paula Serra e. **Não é preciso ter útero para ser mulher**. São Paulo: Voz de Mulher, 2020. p. 75-82.

CARDOSO, Lourenço. O branco não branco e o branco-branco. In: MULLER, Tânia Mara Pedrosa; CARDOSO, Lourenço. (Org.). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. p. 175-196. (Ciências sociais).

CARVALHO, Wellington Marçal de. Escrita enquanto móbil de cura: entrevista com Lílian Paula Serra e Deus, mineira, mãe, escritora, poeta, intelectual, pesquisadora, professora universitária afro-brasileira [em 26 de março de 2021]. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé**, Porto Velho, v. 14, n. 2, 2021. Dossiê Reverberações de vozes femininas nas literaturas indígenas e africanas. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/6450>. Acesso em: 19 set. 2021.

CARVALHO, Wellington Marçal de. **Odete Smedo e Lílian Paula Serra e Deus**: duas vozes femininas das literaturas africana e afro-brasileira em diálogo. 18 maio 2021. [Palestra proferida na VII Semana Acadêmica virtual de Letras – Centro Universitário Newton Paiva]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aFSiEa8_tbQ&ab_channel=NewtonPaiva. Acesso em 21 set. 2021.

CARVALHO, Wellington Marçal de. Prefácio: da urgência em que gente tome jeito de gente: entendimento de mundo consertado por femininas letras. In: DEUS, Lílian Paula Serra e. **Não é preciso ter útero para ser mulher**. São Paulo: Voz de Mulher, 2020. p. 16-23.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. 119 p. (Vozes da diáspora negra, 3).

COSTA, Sérgio. A construção sociológica da raça no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 41, n. 1, p. 35-61, 2002.



COUTINHO, Eduardo de Faria. Reflexões sobre uma nova historiografia literária na América Latina. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 59, p. 113-132, jul./dez. 2010.

DEUS, Lílian Paula Serra e. [Perfil de Lílian Paula Serra e Deus na aba “Autoras” do Portal literafro]. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1496-lilian-paula-serra-e-deus>. Acesso em: 19 set. 2021.

DEUS, Lílian Paula Serra e. A lama que soterra o Brasil: quem determina quanto “Vale” a vida nesse país? **Portal Conti Outra**, 25 nov. 2015. Disponível em: <https://www.contioutra.com/a-lama-que-soterra-o-brasil/>. Acesso em: 10 out. 2021.

DEUS, Lílian Paula Serra e. **A língua é minha pátria**: hibridação e expressão de identidades nas literaturas africanas de língua portuguesa. Orientadora: Maria Nazareth Soares Fonseca. 2012. 103 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

DEUS, Lílian Paula Serra e. Aversão ao futebol. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 2012. Seção Sua Crônica.

DEUS, Lílian Paula Serra e. Brasil: o país da hipocrisia. **Portal Geledés**, 31 jul. 2015. Seção Em Pauta. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/brasil-o-pais-da-hipocrisia/>. Acesso em: 10 out. 2021.

DEUS, Lílian Paula Serra e. **Entrevista**. Concedida a Wellington Marçal de Carvalho, por aplicativo de troca de mensagens, em 30 de julho de 2020. Salvador, 2020.

DEUS, Lílian Paula Serra e. **Memória, identidades e bastardias em *As visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho, *O outro pé da sereia*, de Mia Couto e *Leite derramado*, de Chico Buarque**. Orientadora: Maria Nazareth Soares Fonseca. 2016. 175 p. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

DEUS, Lílian Paula Serra e. **Não é preciso ter útero para ser mulher**. São Paulo: Voz de Mulher, 2020.

DEUS, Lílian Paula Serra e. **Palavra em preto e branco**. Colatina: Clock-Books, 2017.



DEUS, Lílian Paula Serra e. Quem cura o sistema? **Jornal do Bairro Castelo**. Belo Horizonte, jul. 2012.

DEUS, Lílian Paula Serra e; CARVALHO, Wellington Marçal de Carvalho. **A literatura da Guiné-Bissau**. Belo Horizonte: literÁfricas, 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/literafricas/literatura-da-guine-bissau/1574-lilian-paula-serra-e-deus-wellington-marcal-de-carvalho-a-literatura-da-guine-bissau>. Acesso em: 09 out. 2021.

DISFEMISMO. In: DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss. São Paulo: Objetiva, 2009.

DOMINGUES, Petrônio. Negro no Brasil: histórias das lutas antirracistas. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André. (Org.). **Histórias afro-atlânticas**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake / MASP, 2018. p. 457-472. v. 2 Antologia.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPPPIR, 2011, vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 375-404. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 21 set. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA, 2008. 191 p.

FERRAZ, Luana. Uma mulher à beira de um ataque de nervos: artifícios retóricos na construção de um tipo risível. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 1371-1385, set./dez.2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1063>. Acesso em: 11 out. 2021.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPPPIR, 2011, vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 245-277. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>. Acesso em: 21 set. 2021.



FREIRE, Marcelino. [Participação de Lillian Paula Serra e Deus no Especial Marmitex]. Veiculado em 04 de agosto de 2020. Disponível em: www.instagram.com/tv/CDeYWx8H4RX/?igshid=9udgj7anx0y0. Acesso em: 05 ago. 2020.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio. (Org.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. 2. ed. Salvador, EDUFBA, 2008. p. 63-82.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. por Liv Soik; Trad. Por Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2009. 410 p. (Humanitas).

JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Opinião**: em defesa da universidade pública e plural. Belo Horizonte, terça-feira, 9 mar. 2021. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/artigo-em-defesa-da-universidade-publica-e-plural>. Acesso em: 10 out. 2021.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Quem quer (pode) ser negro no Brasil?**: o procedimento de heteroidentificação racial na UFMG e os impactos nos modos de pensar identidade e identificação racial no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 140 p. (Cultura negra e identidades).

JUSTIÇA nega liberdade a mãe de 5 filhos que furtou miojo e refrigerante de supermercado na Zona Sul de SP. **Notícia Preta**. 08 out. 2021. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/justica-nega-liberdade-a-mae-de-5-filhos-que-furtou-miojo-e-refrigerante-de-supermercado-na-zona-sul-de-sp/>. Acesso em: 10 out. 2021.

LÉLIA GONZALEZ. Verbete. In: GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra**: biografias afro-brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 328-329.

LOPES, Joyce Souza. “Quase negra tanto quanto quase branca”: autoetnografia de uma posicionalidade racial nos entremeios. In: MULLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. (Org.). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. p. 155-174. (Ciências sociais).

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Mulher, corpo e maternidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 328-342.



MENDES, Mírian Lúcia Brandão. **A construção descritiva do racismo no século XIX**: um estudo dos jornais Correio Paulistano e A Redenção. Orientadora: Emília Mendes Lopes. 2018. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012. 147 p. (Agenda brasileira).

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. [Texto de apresentação da quarta capa]. In: DEUS, Lílian Paula Serra e. **Não é preciso ter útero para ser mulher**. São Paulo: Voz de Mulher, 2020.

SILVA, Franciane Conceição da. **Corpos dilacerados**: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras. Orientadora: Maria Nazareth Soares Fonseca. 2018. 212 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, São Paulo, 2018.

SILVA, Franciane Conceição da. (Org.). **Literaturas africanas**: narrativas, identidades, diásporas. Colatina: Clock-Books, 2016. p. 173.

SILVA, Franciane Conceição da. Prefácio. In: DEUS, Lílian Paula Serra e. **Palavra em preto e branco**. Colatina: Clock-Books, 2017. p. 9-14.

SILVA, Priscila Elisabete. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: MULLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. (Org.). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. p. 19-32. (Ciências sociais).

TABUÍSMO. In: DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss. São Paulo: Objetiva, 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Maria Nazareth Soares Fonseca, coordenadora do Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas (GEED), pela inclusão de textos literários da geedista e escritora Lílian Paula Serra e Deus no cronograma de atividades do Grupo do segundo semestre de 2021. A discussão dos contos analisados no presente artigo foi compartilhada nos encontros dos dias 24 de setembro e 15 de outubro de 2021.

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 87-113, 2021